

SÍTIO ARQUEOLÓGICO PORTO DA FIGUEIRA: VESTÍGIOS DE UMA UNIDADE DOMÉSTICA RURAL OITOCENTISTA NO INTERIOR DE NOVA SANTA RITA, RS

ARCHAEOLOGICAL SITE PORTO DA FIGUEIRA: TRACES OF A NINETEENTH-CENTURY RURAL DOMESTIC UNIT IN THE INTERIOR OF NOVA SANTA RITA, RS

Jonathan Santos Caino^a

Thaissa de Castro Almeida Caino^b

Luísa Nunes D'ávila^c

Marcelo dos Santos Lazzarotti^d

Marcelo Carlos Ribeiro^e

Fernando Alexandre Soltys^f

^a Mestre em Memória Social e Patrimônio Cultural (UFPEL), Esp. em Cultura Material em Arqueologia (UPF), Licenciado em História (Unicruz). E-mail: jon.caino@gmail.com

^b Mestra em Antropologia, com Área de Concentração em Arqueologia (UFPEL), Bacharel em Arqueologia (UFS), Graduada em Análise e Desenvolvimento de Sistemas (UNIVALI) E-mail: almeida.c.thaissa@gmail.com

^c Mestra em Antropologia, com Área de Concentração em Arqueologia (UFPEL), Bacharel em Ciências Sociais, com ênfase em Antropologia (UFRGS). E-mail: luisa_n_davila@hotmail.com.

^d Mestre em História, com Área de Concentração em Arqueologia (PUCRS), Licenciado em História (FAPA). E-mail: olecramlazza@gmail.com^e descrição

^e Licenciado em História (UNITINS). E-mail: marcelocarlos.ribeiro@gmail.com

^f Mestre em Antropologia, com Linha de Pesquisa em Arqueologia (UFMG), Bacharel em História (UNICAMP). E-mail: f.a.soltys@gmail.com

RESUMO

O sítio Porto da Figueira foi identificado em Nova Santa Rita, RS, no âmbito do processo de licenciamento da LT 525 kV Gravataí - Guaíba 3. Continha quantidade reduzida de peças líticas e cerâmica indígena, mas um vasto depósito de materiais dos séculos XIX e XX. O trabalho de campo envolveu coleta georreferenciada de materiais em superfície, prospecção intensiva do subsolo e a escavação de duas estruturas: uma lixeira com tralha doméstica e restos alimentares, e um conjunto de fragmentos de pratos associados a um cristal de quartzo hialino. A coleção foi categorizada em termos tecno-tipológicos, e sua distribuição espacial analisada com uso de Estimativa de Densidade Kernel em Sistema de Informação Geográfica. Os resultados sugerem que o local fora uma unidade doméstica de construção rústica. A hipótese de ocorrência de práticas religiosas afro-brasileiras foi sugerida pela estrutura de pratos com o quartzo, semelhante a contextos encontrados no continente americano.

PALAVRAS-CHAVE

Arqueologia Histórica, Arqueologia de Unidades Domésticas, Práticas de Consumo e Descarte, Práticas Religiosas Afro-Brasileiras, Nova Santa Rita.

ABSTRACT

The Porto da Figueira site, located in Nova Santa Rita, Rio Grande do Sul, Brazil, was identified during the licensing process for the 525 kV Transmission Line Gravataí-Guaíba 3. While the site yielded a limited amount of indigenous lithic and ceramic remains, it presented a rich deposit of construction materials and utensils from the 19th and 20th centuries. The fieldwork involved the georeferenced collection of surface materials, intensive subsurface survey, and the excavation of two features: a refuse pit containing domestic waste and food remains, and a cluster of plate fragments associated with a hyaline quartz crystal. The assemblage was categorized using techno-typological criteria, and its spatial distribution was analyzed employing Kernel Density Estimation in a Geographic Information System. The results suggest that the site was a domestic unit with a rustic construction. The hypothesis of the occurrence of Afro-Brazilian religious practices is suggested by the structure of plates with the quartz crystal, which resembles similar contexts found in the Americas.

KEYWORDS

Historical Archaeology, Household Archaeology, Consumption and Disposal Practices, African-Brazilian Religious Practices, Nova Santa Rita.

COMO CITAR ESTE ARTIGO

CAINO, Jonathan Santos; CAINO, Thaissa de Castro Almeida; D'ÁVILA, Luísa Nunes; LAZZAROTTI, Marcelo dos Santos; RIBEIRO, Marcelo Carlos; SOLTYS, Fernando Alexandre. Sítio arqueológico Porto da Figueira: vestígios de uma unidade doméstica rural oitocentista no interior de Nova Santa Rita, RS. *Cadernos do Lepaarq*, v. XXI, n. 42, p. 53-78, Jul-Dez. 2024.

Introdução

O sítio arqueológico Porto da Figueira foi identificado em julho de 2020, durante a instalação da torre 38/2 da Linha de Transmissão 525 kV Gravataí - Guaíba 3, em Nova Santa Rita, RS, na planície de inundação do rio Caí. As obras evidenciaram uma mancha escura no solo e fragmentos de louça no talude norte¹ de um buraco retangular com 3,5x3,2 m e 60 cm de profundidade. A retificação de um trecho de 1 m do talude evidenciou uma feição escura com faiança fina, vidro, objetos de metal e ossos bovinos. Prospecções no entorno identificaram mais faiança fina, vidro, cerâmica, objetos de metal, materiais construtivos e outros, por pelo menos 140 m a leste do primeiro achado².

A gleba é desde a década de 1980 um assentamento do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, e o ocupante da área, Sr. Altair, não conhecia a história local, mas indicou o Sr. Vilson Amorim à época com 67 anos. O informante relatou em entrevista que a área pertencia a seu bisavô, Patrício Amorim, e permaneceu na família até a década de 1970, quando foi vendida por seu tio, Altino Viégas, até que em 1994 fosse adquirida pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária – INCRA.

A sede habitada por Altino Viégas se situava em local a cerca de 130 m a sudoeste do sítio arqueológico, onde ainda há algumas edificações, um poço e remanescentes de fundações de tijolos maciços sob uma fina camada de sedimento e grama. Segundo Vilson, da antiga sede partia um caminho calçado até o porto da figueira, a pouco mais de 800 m, no rio Caí, e havia na propriedade mais de quarenta casas e um salão de baile. Relatou ainda que no local do sítio ficava a morada de um filho de Altino Viégas, chamado Brasil. A Certidão obtida no Registro de Imóveis de Canoas (Livro nº 2 – Registro geral – Matrícula 297) não continha dados anteriores a 1976 e busca no acervo do Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul por nomes citados pelo Sr. Vilson – Altino Viegas, Althino Viegas, Alfredo Amorim, Patrício Amorim – foi infrutífera.

Discutiremos o sítio sob a ótica da “arqueologia das unidades domésticas” (household archaeology) (WILK e RAHTJE, 1982; BEAUDRY, 2004; SYMANSKI, 2022). Nessa perspectiva a unidade doméstica é compreendida como o “mais comum componente social de subsistência” (WILK; RAHTJE, 1982, p. 618) ou o “átomo básico da sociedade” (LIMA, 1995, p. 133). A despeito de ser uma “unidade”, é um sítio complexo, de interação e conflito (BEAUDRY, 2004). O grupo doméstico é formado por pessoas que compartilham a mesma residência ou composto residencial, mas o conceito não se restringe ao grupo familiar. Pode incluir a família nuclear, agregados, trabalhadores escravizados e/ou livres, em diferentes arranjos.

O conceito não se restringe à estrutura de habitação, mas inclui cozinhas sujas, senzalas, latrinas, poços, fontes de água, currais, jardins, pomares e hortas (TOCCHETTO, 2010, p. 292), estruturas que ordenam o meio físico, dão suporte ao desempenho das atividades cotidianas e

1 Identificada pelo paleontólogo Tomaz Panceri Melo, que acionou a equipe de Arqueologia.

2 Pesquisa financiada pela Chimarrão Transmissora de Energia S.A. no âmbito do Programa de Gestão do Patrimônio Arqueológico do Grupo Região Metropolitana A, processo IPHAN nº 01512.000018/2020-56

criam as condições que possibilitam a interação entre seus ocupantes (LIMA, 1995, p. 133).

O sítio Porto da Figueira foi formado, em grande medida, por práticas de descarte de lixo, tema recorrente na arqueologia histórica brasileira (por ex. TOCCHETTO, et al., 2001, TOCCHETTO, 2010, TOCCHETTO e MEDEIROS, 2009; SOARES, 2011; SYMANSKI, 1998; SYMANSKI, 2001; SYMANSKI, GOMES e SUGUIMATSU, 2015). Áreas de refugo doméstico, em superfície ou em buracos escavados para este fim, são comuns em sítios históricos urbanos e rurais da América (LEEDECKER, 1994; TOCCHETTO, 2010), e são testemunhos preciosos para a pesquisa arqueológica, principalmente quando encontrados em contexto estratigráfico preservado.

O sítio arqueológico Porto da Figueira

Para a investigação arqueológica o sítio foi dividido em duas áreas que correspondem a dois contextos: a base da torre, onde fora identificada a lixeira, denominada Área 1; e a lavoura adjacente, com material disperso, Área 2.

Na Área 1 foram escavados 129 poços-teste com cavadeira articulada, em malha ortogonal, com apenas 2 positivos: um fragmento de faiança fina entre 0-20 cm e outro entre 20-40 cm, ambos pequenos e sem marcas ou decorações. No local da lixeira foi escavada área de pouco mais de 4 m² e 90 cm de profundidade, que evidenciou completamente o que restou da feição. Na Área 2 foram escavados 119 poços-testes, 36 positivos. A camada arqueológica não ultrapassou 40 cm, com maior densidade entre 0-20 cm. Uma sondagem com maior concentração de fragmentos foi ampliada para uma unidade de escavação de 1,5 m² e 40 cm de profundidade, evidenciando fragmentos de dois pratos e um cristal de quartzo, numa estratigrafia homogênea e sem matéria orgânica, muito distinta da encontrada na lixeira da Área 1.

A feição evidenciada na Área 1 consiste em uma mancha de sedimento escurecido por carvão e matéria orgânica, na qual havia ossos de gado bovino e utensílios doméstico. No perfil, aparece enquanto uma lente côncava com 1,5 m de comprimento e cerca de 10 cm de espessura, iniciando aos 35 cm e desaparecendo aos 60 cm de profundidade.

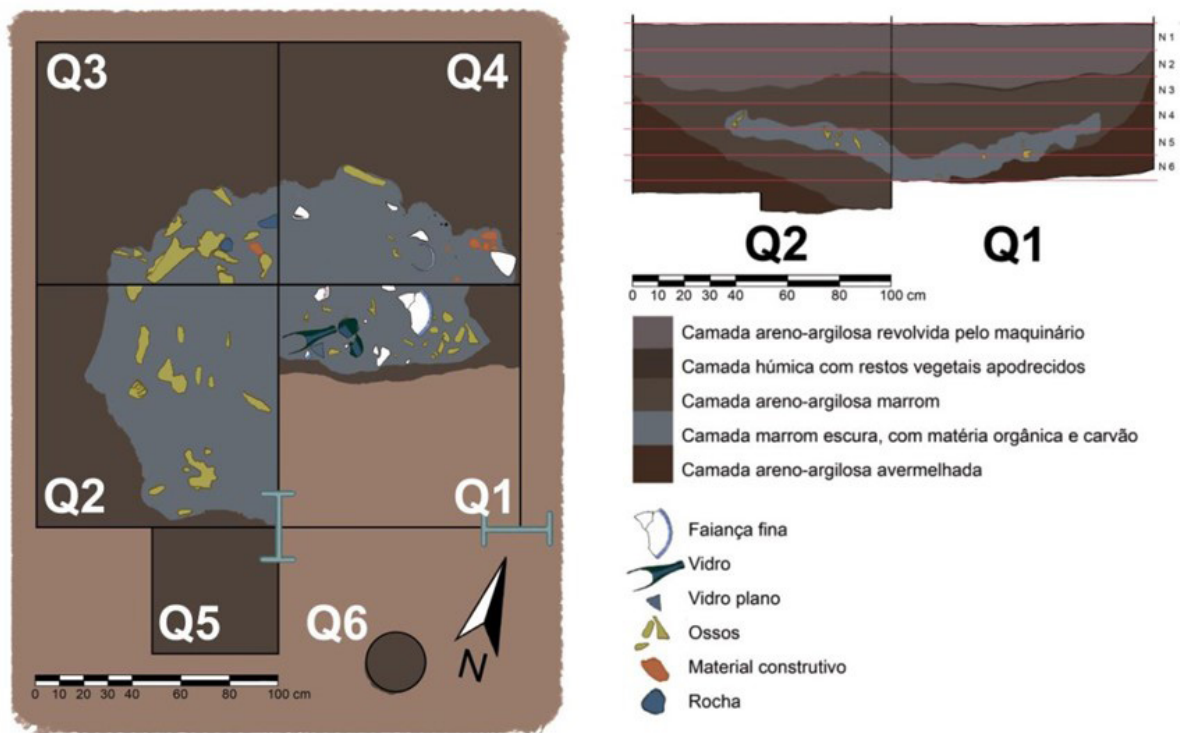


Figura 1: Croqui de topo e do perfil estratigráfico norte da Unidade de Escavação na Área 1.

A estratigrafia, descrita em níveis arbitrários de 10 cm, comportou-se da seguinte forma: os níveis 1, 2 e 3 eram materiais descontextualizados, extraídos durante escavação da base da torre e espalhados na superfície. No nível 1, havia fragmentos diminutos de faiança fina, vidro e metal em Q3, além de carvão e ossos em Q1, Q2 e Q3. No nível 2, elementos construtivos, faiança fina, vidro e cerâmica vidrada em Q2, Q3 e Q4. No nível 3 a quantidade de vestígios aumentou sutilmente, com faiança fina, vidro metal, elementos construtivos e ossos bovinos em Q2, Q3 e Q4. A presença de grama e solo húmico neste nível indicaram a superfície do terreno antes das obras.

No nível 4 se evidencia a lixeira. Em Q1, Q2 e Q3 havia faiança fina, vidro, metal e uma lasca. No nível 5 aumentou substancialmente a quantidade de todas as categorias materiais, principalmente ossos, notadamente em Q2 e Q3. O nível 6 foi ainda mais denso que o anterior, com maior quantidade de vestígios em Q1 e Q4. No nível 7 reduziu drasticamente a feição e a quantidade de evidências, com destaque para vidros em Q2 e um projétil de chumbo em Q1. No nível 8 a quantidade total de testemunhos decresceu ainda mais, e apenas a Q2 apresentou alguns materiais no nível 9.



Figura 2: Lixeira parcialmente evidenciada na Quadra 1, nível 5 (40-50 cm).

O vidro foi a categoria mais significativa (48%), seguido pelas cerâmicas e louças históricas³ (35%). Considerando o Número Mínimo de Peças (NMP), porém, tem-se pelo menos 16 peças na categoria das cerâmicas e louças históricas e 12 peças de vidro, diferença que indica maior fragmentação do vidro. Objetos de metal são 5,87% do total analisado, mas a categoria está subrepresentada, pois muitos testemunhos oxidados e friáveis foram descartados em campo. O mesmo ocorreu para os vestígios faunísticos, que representam 9% da coleção analisada, mas eram muito mais representativos na lixeira, onde se desintegraram durante a escavação.

Categoria	Qtd	%	NMP
Cerâmicas e louças históricas	126	35%	16
Vidro	171	48%	12
Metal	21	5,87%	9
Lítico	3	1%	2
Elementos construtivos	6	2%	0
Fauna	31	9%	4
TOTAL	358	100%	43

Quadro 1: quantidade de fragmentos (Qtd), percentual (%) e Número Mínimo de Peças (NMP) por categoria material na lixeira da Área 1.

³ A classificação dos vestígios observou a categorização utilizada pela Instituição de Guarda que recebeu a coleção, o Laboratório de Ensino e Pesquisa em Antropologia e Arqueologia – LEPAARQ da Universidade Federal de Pelotas.

Na categoria das cerâmicas e louças históricas a faiança fina representa aproximadamente 90% da amostra, e o restante são cerâmicas torneadas vidradas. O esmalte pearlware é predominante, um importante indicativo cronológico, pois Segundo Schávelzon (1991, p. 41) a produção das faianças finas com esse esmalte foi abandonada entre 1830 e 1840, ao ser substituída pelo esmalte whiteware. O esmalte creamware, cuja produção encerrou nas primeiras décadas do século XIX (TOCCHETTO, et al., 2001, p. 23) está representado em 9 fragmentos de uma mesma xícara (Quadro 2). Tais características sugerem que a formação da lixeira ocorreu durante a primeira metade do século XIX.

Tipologia	Qtd	%	NMP
Faiança fina pearlware	70	56%	9
Faiança fina creamware ou pearlware	30	24%	3
Cerâmica vidrada	13	10,32%	2
Faiança fina creamware	9	7%	1
Faiança fina pearlware ou whiteware	4	3%	1
Total	126	100%	16

Quadro 2: Quantidade de fragmentos (Qtd), percentual (%) e Número Mínimo de Peças (NMP) da categoria Cerâmicas e louças históricas na lixeira da Área 1.

Na identificação de forma/função, considerando o NMP, 57% das louças estão relacionadas ao serviço de chá, representado por 6 xícaras e 2 pires, e 43% ao serviço de jantar, representado por 1 travessa, 1 tigela e 4 pratos (Quadro 3). A análise de elementos decorativos identificou 37 fragmentos carimbados, 1 pintado à mão, 1 com padrão trigal e 90 com decoração não definida. Dado o NMP, foram recuperadas na lixeira 10 peças com decoração carimbada, predominantemente policrômica.



Figura 3: Conjunto de peças de vidro e faiança fina reintegradas a partir dos fragmentos escavados na lixeira.

Identificação	Qtd	%	NMP
Não definido	12	10%	0
Xícara	46	37%	6
Pires	33	26,19%	2
Travessa	12	10%	1
Bacia	11	9%	2
Prato	9	7%	4
Tigela	1	1%	1
Vasilha	1	1%	0
Garrafa	1	0,79%	0
Total	126	100%	16

Quadro 3: quantidade de fragmentos (Qtd), percentual (%) e Número Mínimo de Peças (NMP) por Identificação das cerâmicas e louças históricas na lixeira da Área 1.

A categoria dos vidros somou 171 fragmentos, com número mínimo de 12 peças, sendo 4 garrafas (Quadro 4). Não foram encontrados recipientes de vidro de produção semiautomática ou automática. As garrafas e frascos coletados foram produzidas manualmente com o auxílio de moldes e ferramentas de finalização como ponteais e ferros de marisar (ZANETTINI e CAMARGO, 2017).

Identificação	Qtd	%	NMP
Não definido	3	2%	1
Garrafa	90	53%	4
Lampião	37	21,64%	1
Frasco	25	15%	3
Espelho	15	9%	2
Conta	1	1%	1
Total	171	100%	12

Quadro 4: Quantidade de fragmentos (Qtd), percentual (%) e Número Mínimo de Peças (NMP) por Identificação de vidros na lixeira da Área 1.

Na categoria dos metais, com 21 itens, 57% foram classificados como ferragens diversas e 9,52% não foram identificados, devido à dificuldade em identificar objetos fragmentados e oxidados (Quadro 5). Na categoria de elementos construtivos foram recuperados apenas 1 fragmento de ladrilho, 2 de telha capa-canal e 3 de tijolos.

Identificação	Qtd	%	NMP
Ferragens diversas	12	57%	0
Ferragens de abertura	2	10%	2
Não definido	2	9,52%	2
Foice	1	5%	1
Projétil	1	5%	1
Cravo	1	5%	1
Faca	1	5%	1
Botão	1	5%	1
Total	21	100%	9

Quadro 5: Quantidade de fragmentos (Qtd), percentual (%) e Número Mínimo de Peças (NMP) por Identificação dos metais na lixeira da Área 1.

O depósito na Área 2 ocupava cerca de 4.000 m² sobre uma pequena elevação cercada de áreas alagadiças. Foram coletados 544 vestígios na superfície e nos poços-teste, dos quais 192 foram descartados em laboratório. As cerâmicas e louças históricas foram as mais significativas,

71% do total, e o vidro, 20%. Fragmentos de telhas, tijolos e ladrilhos eram abundantes⁴, sendo as telhas capa-canal mais frequentes, porém apenas uma pequena amostra foi coletada. Foram recuperados ainda utensílios de metal, botões, peças líticas e fragmentos de cerâmica pré-colonial.

Categoria	Qtd	%	NMP
Cerâmicas e louças históricas	385	71%	66
Botão	2	0%	2
Metal	17	3%	14
Vidro	108	20%	28
Elementos construtivos	8	1%	2
Lítico	21	4%	8
Cerâmicas pré-coloniais	3	1%	1
Total	544	100%	

Quadro 6: Quantidade de fragmentos (Qtd), percentual (%) e Número Mínimo de Peças (NMP) por Categoria material da coleta de superfície e Poços-teste na Área 2.

Dentro da categoria de cerâmicas e louças históricas, as faianças finas correspondem a 94% do total analisado, com amplo predomínio de esmalte pearlware e whiteware. Tipos como ironstone, biscuit, grés e cerâmicas simples ou vidradas ocorreram em baixa quantidade.

4 Foram plotados com estação total 360 pontos de ocorrência de fragmentos de telhas, tijolos e ladrilhos.

Tipologia	Qtd	%	NMP
Biscuit	2	0,52%	1
Cerâmica simples	6	1,56%	1
Cerâmica vidrada	7	1,82%	6
Faiança fina	126	32,73%	0
Faiança fina creamware ou pearlware	5	1,30%	0
Faiança fina pearlware	109	28,31%	13
Faiança fina pearlware ou whiteware	118	30,65%	39
Faiança fina Whiteware	4	1,04%	1
Grés	3	0,78%	2
Ironstone	5	1,30%	3
Total	385	100%	66

Quadro 7: Quantidade de fragmentos (Qtd), percentual (%) e Número Mínimo de Peças (NMP) de cerâmicas e louças históricas da coleta de superfície e poços-teste na Área 2.

Dos fragmentos de faiança fina, 48,57% não tiveram forma/função identificados. Dentre os demais, predominaram pratos, xícaras e pires, conforme demonstra a Quadro 8. Os padrões decorativos mais frequentes foram o Trigal (NMP 15), o Shell Edged sem superfície modificada (NMP 3) e com superfície modificada (NMP 3), carimbado (NMP 3), frisos (NMP 3), além do Transfer printing de padrão Willow (NMP 2). O tipo decorativo Trigal começou a ser produzido a partir da segunda metade do século XIX (TOCCHETTO et al., 2001, p. 125), ao passo que a maioria dos demais tipos são característicos da primeira metade do século XIX (TOCCHETTO et al., 2001).

Identificação	Qtd	%	NMP
Não definido	187	48,57%	9
Prato	116	30,13%	28
Xícara	30	7,79%	13
Pires	23	5,97%	9
Prato ou pires	9	2,34%	0
Peça de servir	3	0,78%	1
Urinol	3	0,78%	1
Vaso	3	0,78%	1
Bibelô	2	0,52%	1
Tinteiro	2	0,52%	1
Travessa	2	0,52%	0
Vasilha	2	0,52%	1
Bule	1	0,26%	0
Tampa	1	0,26%	1
Tigela	1	0,26%	0
Total	385	57	

Quadro 8: Quantidade de fragmentos (Qtd), percentual (%) e Número Mínimo de Peças (NMP) das cerâmicas e louças históricas, por identificação de forma/função da coleta de superfície e poços-teste na Área 2.

Dos vidros, 40,91% não teve função identificada, e dentre os demais há frascos (NMP 11), garrafas cilíndricas (NMP 10) e retangulares (NMP 3), além de botões e outros utensílios em ocorrência única (Quadro 9).

Identificação	Qtd	%	NMP
Não definido	45	40,91%	0
Garrafa	38	34,55%	10
Frasco	14	12,73%	11
Garrafa retangular	5	4,55%	3
Botão	2	1,82%	2
Vaso	2	1,82%	1
Construtivo	1	0,91%	0
Frasco ou pote	1	0,91%	1
Garrafa ou copo	1	0,91%	1
Frasco retangular	1	0,91%	1
Total	110	30	

Quadro 9: Quantidade de fragmentos (Qtd), percentual (%) e Número Mínimo de Peças (NMP) por identificação de forma/função dos vidros da coleta de superfície e poços-teste na Área 2.

Os objetos de metal (Quadro 10) ocorreram em pequena quantidade: 3 fragmentos entraram na categoria “ferragens diversas” e 1 na categoria “ferramenta não definida”, somando 24% da amostra. Dentre os demais, há cravos (NMP 4) colheres (NMP 2), além de uma ferradura e um projétil de arma de fogo.

Identificação	Qtd	%	NMP
Cravo	4	24%	4
Ferragens diversas	3	18%	0
Ferragens de abertura	2	12%	2
Colher	2	12%	2
Ferramenta não definida	1	6%	1
Trinco	1	5,88%	1
Ruela	1	6%	1
Ferradura	1	6%	1
Projétil	1	6%	1
Dobradiça	1	6%	1
Total	17		14

Quadro 10: Quantidade de fragmentos (Qtd), percentual (%) e Número Mínimo de Peças de metal (NMP) da coleta de superfície e poços-teste na Área 2.

A identificação de uma concentração de fragmentos de faiança fina em um dos poço-teste suscitou a abertura de uma Unidade de Escavação de 1,5m², em níveis artificiais de 20 cm. Na superfície havia apenas 3 fragmentos de faiança fina. No primeiro nível (0-20 cm) foram evidenciados e coletados 22 fragmentos, sendo 19 de cerâmicas e louças históricas, 2 vidros e 1 fragmento de quartzo. No nível seguinte (20-40 cm) mais 24 fragmentos, todos classificados como cerâmicas e louças históricas, e abaixo dos 40 cm nada mais foi registrado (Quadro 11). A estratigrafia dessa unidade era homogênea em cor e textura, sem matéria orgânica.

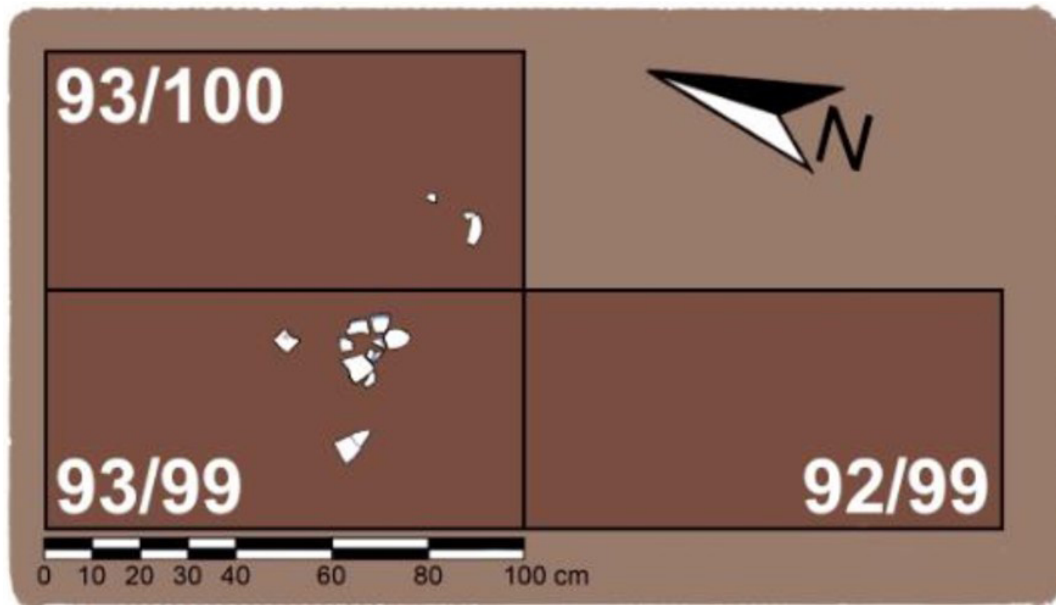


Figura 4: Croqui de topo da Unidade de Escavação na Área 2. Na quadra 93/99 a estrutura formada pelo prato com o cristal de quartzo.

Categoria	Qtd	%	NMP
Cerâmicas e louças históricas	46	93,88%	4
Vidro	2	4,08%	1
Lítico	1	2,04%	0
Total	49		5

Quadro 11: Quantidade de fragmentos (Qtd), percentual (%) e Número Mínimo de Peças (NMP) por categoria material na Unidade de Escavação da Área 2.

A faiança fina é predominante, novamente com frequência maior de esmalte do tipo pear-ware (Quadro 12), além de cerâmica torneada em pequena quantidade. O NMP para esse conjunto indicou que havia fragmentos de pelo menos 2 pratos (Quadro 13) e 1 garrafa (Quadro 14). O lítico corresponde a um cristal de quartzo.

Tipologia	Qtd	%	NMP
Faiança fina creamware ou pearlware	27	58,70%	0
Faiança fina pearlware	16	34,78%	2
Cerâmica simples	2	4,35%	1
Cerâmica vidrada	1	2,17%	1
Total	46		4

Quadro 12: Quantidade de fragmentos (Qtd), percentual (%) e Número Mínimo de Peças (NMP) por Tipologia das Cerâmicas e louças históricas na Unidade de Escavação da Área 2.

Identificação	Qtd	%	NMP
Não definido	21	46%	1
Prato	23	50%	2
Vaso	2	4,35%	1
Total	46	3	

Quadro 13: Quantidade de fragmentos (Qtd), percentual (%) e Número Mínimo de Peças (NMP) por Identificação das Cerâmicas e louças históricas na Unidade de Escavação da Área 2.

Identificação	Qtd	%	NMP
Garrafa	2	100%	1
Total	2	1	

Quadro 14: Quantidade de fragmentos (Qtd), percentual (%) e Número Mínimo de Peças (NMP) por Identificação dos vidros na Unidade de Escavação da Área 2.

Foram apenas dois padrões decorativos identificados na louça deste contexto: Transfer Printing no padrão Willow e Shell Edged com superfície modificada. A data média obtida foi de 1813, contudo o número reduzido de vestígios datáveis limita a confiabilidade do resultado. Chamaram a atenção, neste contexto, o fato de estarem concentrados vários fragmentos de uma mesma peça e, principalmente, a presença do quartzo.

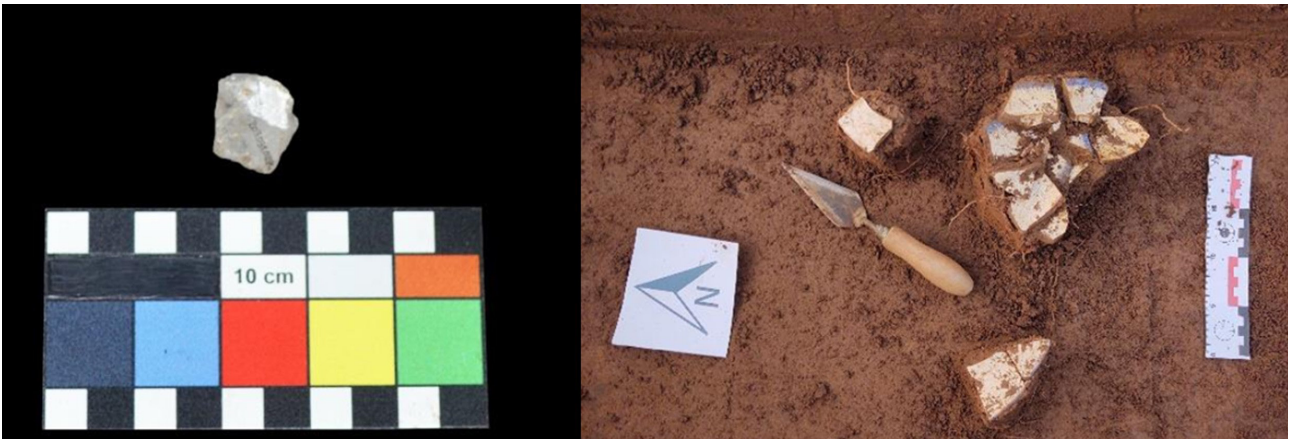


Figura 5: À esquerda, cristal de quartzo hialino coletado na quadra 93/99, nível 2. À direita, fragmentos de faiança fina evidenciados na quadra 93/99, nível 3.

Práticas de consumo e descarte

Uma primeira questão com relação à compreensão desse sítio diz respeito à localização da unidade doméstica, pois não identificamos remanescentes de fundações, pisos ou paredes que indicassem o local de uma edificação, apenas materiais construtivos fragmentados e dispersos.

Para visualizar a distribuição espacial das diferentes categorias materiais, utilizamos a Estimativa de Densidade Kernel (Kernel Density Estimate – KDE) (BEVAN, 2020). Nessa operação, executada em Sistema de Informação Geográfica, uma camada vetorial de pontos representa cada item plotado no sítio, classificado segundo a categoria material. Dado um raio arbitrário – aqui, de 5 metros – o algoritmo conta, para cada ponto, a quantidade de outros pontos dentro do raio, gerando uma camada matricial em que os pixels contêm os valores obtidos. Essa camada, representada visualmente por uma escala de cores, mostra quão concentrados ou dispersos estão os vestígios.

Analisamos a distribuição em dois conjuntos: o dos elementos construtivos – telhas, tijolos, ladrilhos, metais construtivos como cravos, dobradiças, ferragens de abertura – e o dos elementos não construtivos – cerâmicas e louças históricas, vidros, metais.

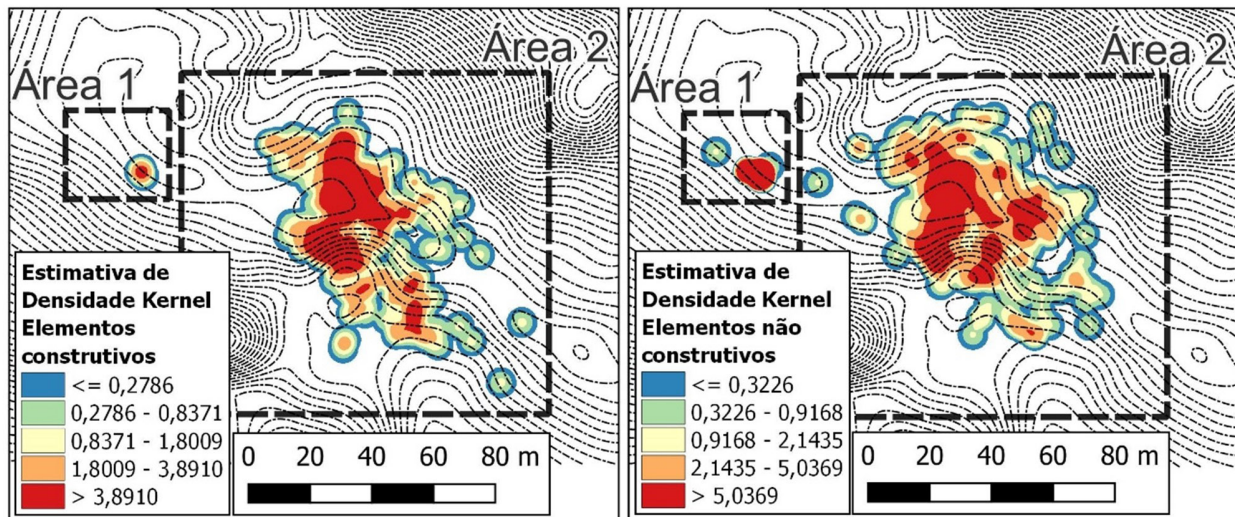


Figura 6: Estimativa de Densidade Kernel (KDE) com raio de 5 m a partir de cada vestígio, para elementos construtivos (à esquerda) e para o conjunto de cerâmicas e louças históricas, vidros, metais não construtivos e fauna (à direita), sobre a topografia do terreno.

A mancha resultante na Área 1 não será considerada, pois os materiais em superfície provinham da lixeira e foram movimentados pelas obras da torre. Na Área 2, o núcleo denso nas duas categorias se sobrepõe parcialmente, e não há distinção clara entre uma área de habitação e outra de descarte de lixo. Nossa hipótese é de que ali houve uma habitação, possivelmente de construção rústica, cujos remanescentes foram sendo removidos e fragmentados para dar lugar à atividade agrícola, o que explicaria a ausência de testemunhos mais contundentes de uma edificação.

Foram identificadas duas práticas distintas de descarte. Na Área 1, um local de descarte periférico, a cerca de 60 m da habitação, em uma depressão no terreno onde o refugo doméstico foi depositado em poucos, talvez um único episódio. A presença de matéria orgânica pode justificar a opção pelo enterramento, a fim de evitar os odores da putrefação. Já o depósito da Área 2 foi resultado de descarte aleatório adjacente, decorrente de práticas continuadas durante um período prolongado.

Sobre os jogos de jantar, chama a atenção que na área de descarte aleatório adjacente (Área 2) de 28 pratos recuperados, segundo o cálculo do NMP, 11 tinham padrão decorativo não definido e 10 tinham padrão decorativo Trigal, de longe o padrão mais frequente no sítio, representado ainda em 3 xícaras e 2 pires. Produzido desde 1851 até a atualidade, o pico de produção de peças com esse padrão foi entre 1870 e 1880 (TOCCHETTO et al., 2001, p. 40).

O segundo padrão decorativo mais frequente foi o *shell edged* com superfície modificada, de cor rosa em 3 pratos e azul em 1. É esse o padrão decorativo da única peça de servir coletada na Área 2. Produzido desde o século XVIII, é considerado barato, ocorrendo com frequência em sítios do século XIX (MILLER, 1980; SYMANSKI, 1998). Assim como o trigal, esse padrão não aparece na lixeira da Área 1. Demais padrões decorativos ocorreram em apenas 1 ou, como o padrão

Willow, em 2 pratos.

De jogos de chá, na Área 2 foi calculado um NMP de 12 xícaras, 4 de padrão não definido e 3 de padrão trigal, novamente o mais frequente. Dentre os 9 pires, os padrões trigal e carimbado policrômico foram mais frequentes, com 2 ocorrências cada. Na lixeira da Área 1 havia 3 pratos e 1 tigela de padrão decorativo não definido, 2 pires carimbados policrômicos e 4 xícaras, sendo duas delas carimbadas, uma policrômica e a outra rosa.

O conjunto analisado não indica a presença de jogos completos de jantar ou de chá, mas sim padrões decorativos diversos ocorrendo em baixa frequência, à exceção do Trigal. Os padrões identificados correspondem, na maioria, a peças consideradas baratas. Essas características convergem para a hipótese de um grupo doméstico de baixo poder aquisitivo, possivelmente trabalhadores rurais.

O gráfico de barras de SOUTH (1971) para faiança fina e vidros datáveis indica utensílios produzidos entre 1830 e 1845 na Área 1 (Figura 7). Para a Área 2, o gráfico indica utensílios produzidos entre 1860 e 1905 (Figura 8).

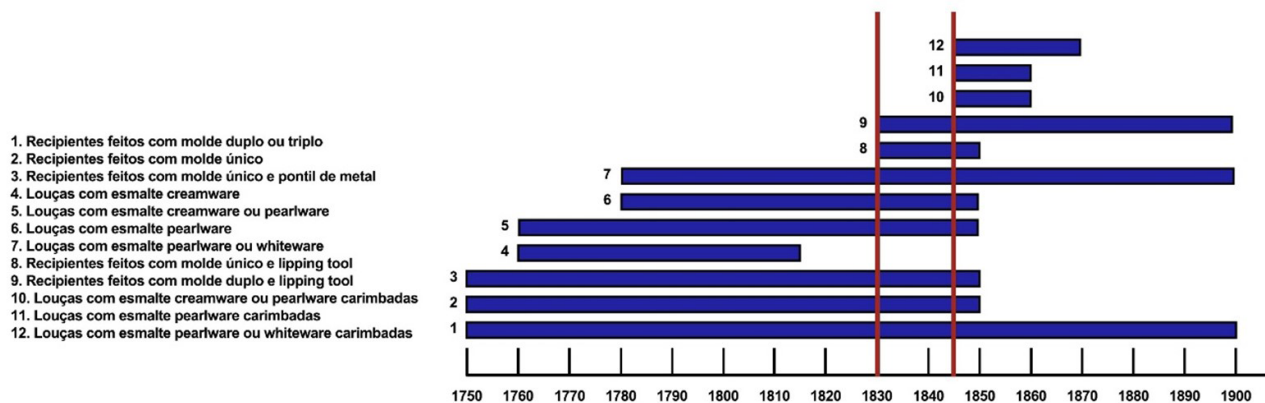


Figura 7: Gráfico de barras (SOUTH, 1971) a partir das louças e vidros com atributos datáveis coletados na lixeira da Área 1.

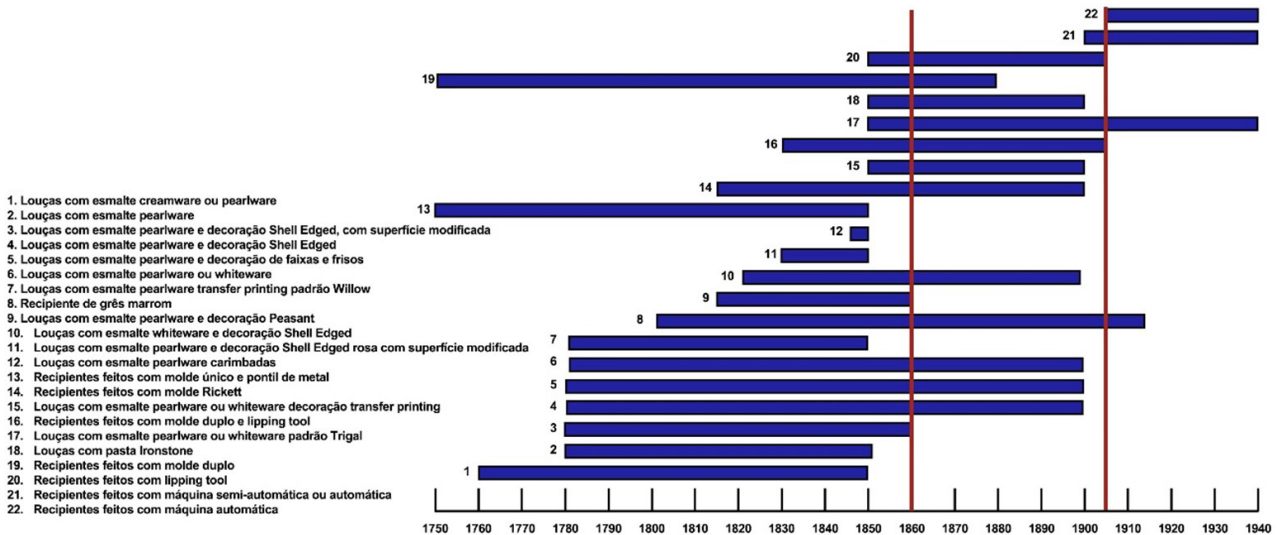


Figura 8: Gráfico de barras (SOUTH, 1971) a partir das louças e vidros com atributos datáveis coletados na Área

Para tentar situar o sítio cronologicamente, é necessário ponderar o intervalo entre a produção, aquisição, uso e descarte desses utensílios. Adams (2003, p. 38) sugeriu um intervalo de 15 a 20 anos, com base em estudos etnográficos nos EUA. Symanski (1998), por sua vez, adicionou 10 anos à data terminal do gráfico que elaborou para as louças do Solar Lopo Gonçalves. Adotando o critério de Symanski, a fim de traçar comparação com um contexto mais próximo, resulta que o descarte de refugo na Área 1 teria ocorrido entre 1830 e 1855, ao passo que o descarte de refugo na Área 2 teria ocorrido mais tarde e por mais tempo, entre 1860 e 1915.

Nas referências aqui utilizadas, as práticas de descarte são discutidas no contexto da chegada ao Brasil do paradigma moderno de higiene (TOCCHETTO, 2010). Em Porto Alegre o Código de Posturas Policiais de 1838 já demonstrava a preocupação em designar locais para despejo de lixo a fim de minimizar os problemas de insalubridade. Ao longo do século XIX a cidade enfrentou diversas epidemias e diferentes mecanismos de normatização e fiscalização das práticas de descarte de lixo e dejetos foram discutidos e implementados (TOCCHETTO, 2010, p. 258-259). Apesar disso, a prática de descarte nos quintais seguiu recorrente ao longo do século XIX, tanto no contexto urbano quanto no rural.

No sítio Casa da Riachuelo, em contexto urbano, o descarte do refugo doméstico era feito nos fundos do terreno, concentrado em uma depressão que ocupava a largura total do lote, prática que pode ter sido abandonada apenas em meados dos 1880 ou na década de 1890 (TOCCHETTO, 2010, p. 269-271). No sítio Chácara da Figueira, em contexto rural, o descarte de lixo doméstico identificado foi adjacente e periférico, feito de forma aleatória nas laterais e nos fundos da moradia (TOCCHETTO, 2010, p. 271-273).

No Solar Lopo Gonçalves, Symanski (1998) delimitou dois grupos domésticos distintos: um ocupou o solar enquanto uma chácara na semiperiferia da cidade, utilizou itens mais simples, fora de moda e que não compunham jogos, e o segundo quando o solar já havia sido cercado

pela urbanização, período no qual a tralha doméstica era de melhor qualidade (SYMANSKI, 1998, 2022). Na ocupação mais antiga o lixo era descartado aleatoriamente nos fundos da edificação, em áreas próximas à habitação. Posteriormente houve a abertura de dois buracos para depósito de lixo em uma zona periférica da propriedade, onde foi encontrado material orgânico e inorgânico datado do século XX (SYMANSKI, 1998).

Situação semelhante foi observada no sítio Solar da Travessa Paraíso, também numa zona periférica da cidade que depois foi cercada pela urbanização, onde foram identificados dois pequenos buracos de lixo, mas a prática predominante foi o descarte aleatório a céu aberto nos fundos da edificação, em período delimitado aproximadamente entre meados do século XIX e começo do século XX (CARLE; OLIVEIRA, 1996; TOCCHETTO, 2010, p. 277-284).

O estudo de Tocchetto (2010) demonstra que mesmo grupos domésticos da elite seguiram realizando o descarte nos fundos do pátio por todo o século XIX. No caso do Solar da Travessa Paraíso, a arqueóloga destacou ainda o fato de que um dos moradores era médico e, portanto, conhecia os debates sobre higiene e saneamento. Outro exemplo de um grupo doméstico da elite que não tinha preocupações sanitárias foi apresentado por Soares (2011) no Palácio do Governo de Santa Catarina, onde a arqueóloga identificou descarte aleatório de refugo em local muito próximo aos cômodos destinados ao preparo de alimentos, e sugeriu que os restos eram possivelmente arremessados de dentro da cozinha ou da área de serviço.

O sítio Porto da Figueira parece corroborar a discussão de Tocchetto (2010) de que a relação das pessoas com seu lixo e odores no ocidente moderno é uma “experiência universalizante”, e que as formas de fazer o descarte do lixo são condutas compartilhadas, aprendidas e reproduzidas socialmente, que resistiram ao longo do século XIX aos discursos relacionados ao paradigma moderno de higiene e saneamento.

Práticas religiosas Afro-Brasileiras

Merece discussão específica o conjunto evidenciado na Unidade de Escavação da Área 2, com fragmentos de dois pratos, um de decoração transfer printing de padrão Willow e outro do tipo shell edged azul com superfície modificada, sobre os quais repousava um pequeno cristal de quartzo. Esse conjunto se assemelha a arranjos encontrados em diferentes contextos relacionados à diáspora africana, que Symanski define como “agrupamentos de artefatos de uso ritual relacionados ao controle de espíritos” (SYMANSKI, 2007, p. 24).

Segundo Andrade Lima e Ribeiro Junior (2021, p. 201), desde a década de 1960, pesquisadores estadunidenses têm encontrado em contextos associados a africanos e descendentes “arranjos de coisas enterradas intencionalmente ou escondidas embaixo de edificações”. Tais arranjos são elaborados com objetos de uso cotidiano, como panelas, fragmentos de louça, cerâmicas, garrafas, contas, moedas, botões; materiais orgânicos como ossos, dentes, unhas, cabelos, sementes, raízes; e materiais inorgânicos, como seixos, cristais de quartzo, conchas e giz, dentre outros. Geralmente são posicionados em alicerces de edificações ou sob os pisos, em can-

tos de cômodos, batentes de porta ou vãos de janelas. O objetivo, ainda segundo Andrade Lima e Ribeiro Junior (Idem), seria o de “capturar espíritos e direcioná-los para a proteção e cura de quem os invoca”, porém há casos em que tais conjuntos são compreendidos como conjuros cujo objetivo é “causar malefícios, ou clamar por justiça ou vingança”.

Symanski (2007) utiliza o termo “cachês” para denominar esses arranjos, porém Denardo e Baptista Filho (2023) discutiram as dificuldades de interpretação destes conjuntos e os diferentes nomes dados a eles – cache, minkisi, mandinga, assentamento – dependendo do povo que os fez e de seu sistema religioso.

Um exemplo dos Estados Unidos é o de Jones (2000), que escavou a casa de Charles Carroll, um dos signatários da Declaração de Independência dos Estados Unidos, em Annapolis, Maryland, onde encontrou sob o piso diversos cachês de quartzo, um deles com 12 cristais associados a uma conta de colar, e uma pedra preta, cobertos por uma malga de esmalte pearlware e pintura a mão de cor azul, semelhante a um asterisco, em contexto datado do início do século XIX (ANDRADE LIMA e RIBEIRO JUNIOR, 2021, p. 201).

No Brasil, alguns exemplos são as pesquisas de Symanski, que encontrou evidências de práticas religiosas em engenhos na Chapada dos Guimarães, MT, e relatou a presença de cristais de quartzo na casa grande do sítio Engenho do Rio da Casca (SYMANSKI, 2007, p. 25) e na senzala da Fazenda Santa Clara, no vale do Paraíba mineiro, onde foram encontrados um núcleo de quartzo enterrado sob o piso, além de concentrações de lascas de quartzo (SYMANSKI e GOMES, 2016). No Rio de Janeiro, Andrade Lima e Ribeiro Junior (2021) descreveram achados de blocos e seixos de quartzo nos alicerces de trapiches na chamada “Pequena África”, na região portuária. Também no RJ, Denardo e Baptista Filho (2023, p. 188) relataram o achado de um conjunto composto por uma panela na qual havia uma xícara e diversos objetos, dentre eles um fragmento de quartzo leitoso, durante uma escavação em Campinho.

Tania Andrade Lima (2023, p. 129) observa que, apesar do sabido dinamismo das religiões afro-brasileiras, as evidências materiais têm demonstrado um “surpreendente conservadorismo na materialidade dessas práticas, em suportes físicos que se mantiveram inalterados através dos séculos, apesar das transformações pelas quais essas religiões passaram e continuam passando”.

No caso do Porto da Figueira a manutenção do arranjo espacial entre os fragmentos de prato e o quartzo sugere que o conjunto foi deliberadamente enterrado, e não simplesmente jogado, como os demais vestígios da Área 2. Além disso, o fato de tais conjuntos estarem associados a edificações é mais um fator que corrobora a hipótese de uma edificação no local. Embora faltem outras evidências, materiais ou documentais, para demonstrar a presença de pessoas de origem afro-brasileira no contexto do sítio Porto da Figueira, essa estrutura, compreendida como resultado de uma prática religiosa, aponta para a necessidade de atenção aos pequenos detalhes, em um contexto onde essas pessoas, fossem como trabalhadores escravizados ou livres, eram reprimidas e invisibilizadas, ficando restritas ao “domínio da tática” (SYMANSKI, 2007) nos momentos de pouca vigilância, em que podiam exercer pequenos momentos de autonomia.

Considerações finais

O cenário desenhado pela interpretação das evidências arqueológicas sugere uma habitação rústica ocupada por um grupo doméstico de trabalhadores rurais durante período entre 1830 e 1915, que deixou ali os vestígios de sua presença. Em algum momento dessa ocupação, talvez ainda no primeiro quartel do século XIX, práticas religiosas afro-brasileira parecem ter ocorrido no local, por pessoas que buscaram alguma forma de proteção ou, ao contrário, alguma forma de justiça ou vingança. Em meados do século XIX, uma depressão no terreno foi escolhida para o descarte de muitos restos alimentares e utensílios, talvez resultado de um único evento. Numa duração mais longa, parece que por todo o período de ocupação, entre os séculos XIX e XX, objetos eram descartados aleatoriamente pelo terreno. Quantos e quem eram os ocupantes, não podemos precisar nesse momento, mas estariam associados de alguma forma à propriedade da família de Patrício Amorim.

A ausência de fontes documentais e de uma melhor compreensão da história agrária local limitaram nossas interpretações do contexto. O relato oral obtido sobre a área dá conta de que havia várias estruturas na propriedade, e algumas edificações próximas foram visitadas em campo, mas novos levantamentos seriam necessários para mapear e compreender melhor como eram e como se articulavam as diferentes estruturas presentes nessa propriedade.

Novas leituras dos dados disponíveis podem trazer outras interpretações, afinal as unidades domésticas são terreno fértil para diferentes abordagens e problemáticas, sobre questões de consumo, relações de poder, conflito, resistência, fronteiras sociais, gênero, etnia, etc (BEAUDRY, 2004; SYMANSKI, 2022).

Não foi abordada aqui a reduzida presença no sítio de vestígios líticos e cerâmicos pré-coloniais, os últimos provavelmente associados a populações Guarani. Não há densidade material que suporte a hipótese de existência de um assentamento indígena no local, mas ele pode ter sido uma área de captação de recursos ou cultivo, associada a assentamentos ou acampamentos próximos, não identificados em campo. Outras pesquisas, contudo, são necessárias para melhor compreender como esses vestígios se articulam a outros contextos pré-coloniais próximos.

Referências bibliográficas

- ADAMS, William Hampton. Dating Historical Sites: The importance of understanding time lag in the acquisition, curation, use, and disposal of artifacts. *Historical Archaeology*, V. 37, n. 2, p. 38-64, 2003. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/25617056>> Acessado em: 14/02/2024.
- ANDRADE LIMA, Tania. Práticas espirituais esquecidas: memória para a resistência das religiões afro-brasileiras. *Vestígios - Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica*, [S. l.], v. 17, n. 2, p. 127-150, 2023. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/vestigios/article/view/42162>. Acessado em: 30/05/2024.

- ANDRADE LIMA, Tania.; RIBEIRO JUNIOR, Ademir. Nos domínios das entidades das rochas: arqueologia das pedras de poder e devoção no Rio de Janeiro e em Salvador, séculos XIX ao XXI. *Vestígios - Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica*, [S. l.], v. 15, n. 2, p. 195–230, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/vestigios/article/view/32436>. Acessado em: 30/05/2024.
- BEAUDRY, Mary C. Doing the Housework. *New Approaches to the Archaeology of Households*. In: BARILE, K.; BRANDON, J. (Org). *Household chores and household choices: theorizing the domestic sphere in historical archaeology*. Tuscaloosa: University of Alabama Press, 2004.
- BEVAN, Andrew. Spatial point pattern and processes. In: GILLINGS, Mark; HACIGÜZELLER, Piraye; LOCK, Gary (Ed.). *Archaeological Spatial Analysis. A Methodological Guide*. New York: Routledge, 2020.
- BRANDON, Jamie C.; BARILE, Kerri S. Introduction: Household chores; or, the Chore of Defining the Household. In: BARILE, K.; BRANDON, J. (Org). *Household chores and household choices: theorizing the domestic sphere in historical archaeology*. Tuscaloosa: University of Alabama Press, 2004.
- CARLE, Cláudio Baptista. & OLIVEIRA, Alberto Tavares Duarte de. O solar da Travessa **Paraíso**: um exemplo de arqueologia história em Porto Alegre. *Estudos Ibero-Americanos*, V. 22 n.1, p. 47–70, 1996. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/iberoamericana/article/view/28775> Acessado em: 15/02/2024.
- FENNELL, Christopher C. Group identity, individual creativity, and symbolic Generation in a BaKongo Diaspora. *International Journal of Historical Archaeology*, V. 7, n. 1, p. 1-31, 2003. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/20853014> Acessado em: 11/02/2024.
- DENARDO, Thandryus Augusto Guerra Bacciotti; BAPTISTA FILHO, Winner Querevalu Soares. Um Minkisi em Campinho? Dificuldades e Possibilidades de Interpretação de Artefatos Religiosos Afro-Brasileiros no Contexto da Arqueologia Urbana, em Campinho, Rio de Janeiro. *Clio Arqueológica*, V. 38, n. 2, p. 167-209, 2023. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/clioarqueologica> Acessado em: 04/03/2024.
- JONES, Lynn. Crystals and Conjuring at the Charles Carroll House, Annapolis, Maryland, *African Diaspora Archaeology Newsletter*, V. 7, n. 1, Article 2, 2000. Disponível em: <https://scholarworks.umass.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1730&context=adan> Acessado em: 12/02/2024.
- LEEDECKER, Charles H. Discard behavior on domestic historic sites: Evaluation of contexts for the interpretation of household consumption patterns. *Journal of Archaeological Method and Theory*, V. 1, n. 4, p. 345-375, 1994. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/20177317> Acessado em: 12/02/2024.
- LIMA, Tânia Andrade. Pratos e mais pratos: louças domésticas, divisões culturais e limites sociais no Rio de Janeiro, século XIX. *Anais do Museu Paulista*. São Paulo. N. Ser. v. 3 p. 129-191, jan/dez. 1995
- MACHADO, Neli Terezinha Galarce. Entre guardas e casarões: um pouco da história do interior do RS – uma perspectiva arqueológica. Tese (Doutorado em Arqueologia). Programa de Pós-Gr-

- duação do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.
- MILLER, George L. Classification and Economic Scaling of 19th Century Ceramics. *Historical Archaeology*, V. 14, p. 1-40, 1980. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/25615367>> Acessado em: 15/02/2024.
- RAHTJE, William; MURPHY, Cullen. *Rubbish!: the archaeology of gargabe*. New York: Harper Collins Publishers, 1992.
- SCHÁVELZON, Daniel. *Arqueología Historica de Buenos Aires. La cultura material porteña de los siglos XVIII y XIX*. Buenos Aires: Ediciones Corregidor, 1991.
- SOARES, Fernanda Codevilla. “Joga ali mesmo!”: o descarte de lixo no Palácio do Governo de Santa Catarina. In: *Semana de Arqueologia e Patrimônio da UFSC. Anais da V Semana de Arqueologia e Patrimônio da UFSC*. Florianópolis, 2011. Disponível em: https://www.academia.edu/17527092/SOARES_F_2011_JOGA_ALI_MESMO_o_descarte_de_lixo_no_Palácio_do_Governo_de_Santa_Catarina_Anais_da_Semana_de_Arqueologia_e_Patrimônio_da_UFSC_Florianópolis_Pp_120_152 Acessado em: 12/02/2024.
- SOUTH, Stanley. *Evolution and Horizon as Revealed in Ceramic Analysis in Historical Archeology*. Research Manuscript Series. Book 15, 1971. Disponível em: http://scholarcommons.sc.edu/archanth_books/15 Acessado em: 06/03/2024.
- SOUTH, Stanley. Pattern recognition in Historical Archaeology. *American Antiquity*, V. 43, n. 2, Contributions to Archaeological Method and Theory, p. 223-230, 1978. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/279246>> Acessado em: 12/02/2024.
- SYMANSKI, Luís Cláudio P. *Arqueologia das unidades domésticas*. In: SYMANSKI, Luís Cláudio P. SOUZA, Marcos André Torres de. *Arqueologia Histórica Brasileira*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2022.
- SYMANSKI, Luís Cláudio Pereira. *Espaço privado e vida material em Porto Alegre no Século XIX*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1998.
- SYMANSKI, Luís Cláudio Pereira. Exposição e isolamento: práticas de descarte de refugo e mudanças de visão de mundo em um ambiente rural – o Sítio Fazenda Camurugi (BA). *Revista de Divulgação Científica, Goiânia*, v. 4, p. 113-137, 2001.
- SYMANSKI, Luís Cláudio Pereira. O domínio da tática. Práticas religiosas de origem africana nos engenhos de Chapada dos Guimarães (MT). *Vestígios. Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica. Laboratório de Arqueologia – Fafich/UFMG; Belo Horizonte, MG: Argvmentvm*, 2007.
- SYMANSKI, Luís Cláudio Pereira; GOMES, Flávio dos Santos. Iron Cosmology, Slavery, and Social Control: The Materiality of Rebellion in the Coffee Plantations of the Paraíba Valley, Southeastern Brazil. *Journal of African Diaspora Archaeology and Heritage*, 5:2, 174-197, 2016. Disponível em: https://ppgh.ufba.br/sites/ppgh.ufba.br/files/symanski_gomes_-_iron_cosmology_slavery_and_social_control.pdf Acessado em: 30/05/2024.
- SYMANSKI, Luís Cláudio Pereira; GOMES, Flávio dos Santos; SUGUIMATSU, Isabela Cristina. Práticas de descarte de refugo em uma Plantation escravista: o caso da Fazenda do Colégio dos

Jesuítas de Campos dos Goytacazes. *Revista de Arqueologia*, [S. l.], v. 28, n. 1, p. 93–122, 2015. Disponível em: <<https://revista.sabnet.org/ojs/index.php/sab/article/view/418>>. Acesso em: 26/01/2024.

TOCCHETTO, Fernanda Bordin; SYMANSKI, Luis Cláudio Pereira; OZÓRIO, Sérgio Rovani; OLIVEIRA, Alberto Tavares Duarte de; CAPPELLETTI, Ângela Maria. *A faiança fina em Porto Alegre: vestígios arqueológicos de uma cidade*. Porto Alegre: Unidade Editorial da Secretaria Municipal da Cultura, 2001.

TOCCHETTO, Fernanda Bordin. *Fica dentro ou joga fora? Sobre práticas cotidianas na Porto Alegre moderna oitocentista*. São Leopoldo: Oikos, 2010.

WILK, Richard R.; RAHTJE, William L. Household Archaeology. *American Behavioral Scientist*, v. 25, n. 6, p. 617-639, 1982. Disponível em: <https://www.academia.edu/222890/Household_Archaeology> Acessado em: 14/02/2024

ZANETTINI, Paulo Eduardo; CAMARGO, Paulo Fernando Bava. *Cacos e mais cacos de vidro. O que fazer com eles? Guia arqueológico de classificação e análise*. Aracaju: Editora UFS, 2017.

Recebido em: 12/06/2024

Aprovado em: 30/08/2024

Publicado em: 17/12/2024